

O Boletim de Conjuntura (BOCA) publica ensaios, artigos de revisão, artigos teóricos e empíricos, resenhas e vídeos relacionados às temáticas de políticas públicas.

O periódico tem como escopo a publicação de trabalhos inéditos e originais, nacionais ou internacionais que versem sobre Políticas Públicas, resultantes de pesquisas científicas e reflexões teóricas e empíricas.

Esta revista oferece acesso livre imediato ao seu conteúdo, seguindo o princípio de que disponibilizar gratuitamente o conhecimento científico ao público proporciona maior democratização mundial do conhecimento.



BOLETIM DE CONJUNTURA

BOCA

Ano II | Volume 3 | Nº 7 | Boa Vista | 2020

<http://www.ioles.com.br/boca>

ISSN: 2675-1488

<http://doi.org/10.5281/zenodo.4247697>



ÊXODO DOS ISRAELITAS: UM ENFOQUE PARA O ENSINO RELIGIOSO ATRELADO AO USO DE LIVROS SAGRADOS

Gênesis Guimarães Soares¹

Resumo

O presente estudo tem como objetivo realizar uma reflexão acerca da relação entre alguns dos principais conceitos da Fenomenologia e do Existencialismo conexos às narrativas bíblicas acerca do Êxodo dos Israelitas e como articulações como estas podem ser utilizadas para o ensino religioso em escolas da educação básica. Se tratando da metodologia empregada, foi realizada uma discussão bibliográfica, relacionando os principais achados de forma crítica às narrativas bíblicas descritas o livro de Êxodo e pensando as possibilidades da utilização desta metodologia como estratégia para o ensino religioso. Com relação às conclusões, foi possível notar que as histórias bíblicas contemplam diversos aspectos presentes nas filosofias fenomenológicas e existenciais, o que possibilita realizar uma reflexão teórica sobre conceitos da filosofia atrelados aos escritos sagrados.

Palavras chave: Ensino Religioso. Ética. Existencialismo. Êxodo de Israel.

Abstract

The present study aims to conduct a discussion about the relationship between some of the main concepts of Phenomenology and Existentialism related to biblical narratives about the Exodus of the Israelites and how articulations such as these can be used for religious education in elementary schools. When dealing with the methodology used, a bibliographical discussion was carried out, relating the main findings in a critical way to the biblical narratives described in the book of Exodus and considering the possibilities of using this methodology as a strategy for religious teaching. Regarding the conclusions, it was possible to note that biblical stories contemplate several aspects present in phenomenological and existential philosophies, which makes it possible to carry out a theoretical reflection on concepts of philosophy linked to sacred writings.

Keywords: Ethic. Existentialism. Exodus from Israel. Phenomenology. Religious Education.

INTRODUÇÃO

O presente estudo tem como objetivo realizar uma discussão acerca da relação entre alguns dos principais conceitos da Fenomenologia e do Existencialismo conexos às narrativas bíblicas acerca do Êxodo dos Israelitas e como articulações como estas podem ser utilizadas para o ensino religioso em escolas da educação básica. De modo que realiza uma análise acerca do período em que os israelitas viveram o êxodo no deserto, chegada à terra prometida e o fim da vida de Moisés.

A Bíblia, livro sagrado dos cristãos, narra no capítulo 13 e versículos 17-22 do livro de Êxodo o momento em que os israelitas são libertos da escravidão pelo Faraó e partem em direção ao deserto, a fim de alcançar a terra prometida que havia sido prometida pelo seu Deus.

¹ Bacharel em Psicologia e especialista pós-graduado em Análise do Comportamento. Email para contato: genesis.soares@ftc.edu.br



Através deste trecho é possível observar o conceito de liberdade descrito por Sartre, onde finalmente Israel estava livre do cativo egípcio e enfim poderia ir para a sua terra, e a partir daquele momento o sentido da vida daquele povo era conseguir chegar à terra prometida. Desse modo, este estudo propõe realizar discussões teóricas e filosóficas a partir de estudos dos conceitos fenomenológicos e existenciais relacionados a esse período narrado na Bíblia e a sua potencialidade enquanto estratégias para o ensino de temáticas religiosas em contextos escolares, sem que se perca o proposto pela teoria e estudos científicos.

Desta maneira, é plausível dizer que o ensino religioso não deve estar pautado em padrões tidos como corretos ou como forma de proselitismo a fim de guiar os educandos para um certo caminho, mas sim como proposto por Salles e Gentilini que enfatizam que:

Entendemos que não cabe à disciplina ensino religioso estabelecer padrões comportamentais para a sociedade, menos ainda orientar suas escolhas. Mas cabe, seguramente, fornecer aos alunos a possibilidade de discuti-los, segundo suas crenças e valores, em um ambiente de esclarecimento maduro e não de doutrinação religiosa de qualquer espécie (SALLES; GENTILINI, 2018, p. 861).

UM PANORAMA FENOMENOLÓGICO EXISTENCIAL SOBRE O ÊXODO

De acordo com Silva (2013) para Sartre, o homem é homem pelo seu atributo de ser livre. O homem é fruto de sua liberdade bem como quotidianamente decide os atos que irá perpetrar. Desse modo, a liberdade é uma qualidade da existência humana.

Todavia, mesmo estado em cativo, esse povo possuía liberdade, uma vez que transcendiam e alcançavam a liberdade que o Faraó jamais poderia eliminar. Em Êxodo capítulo 15 e versículos 1-4;11;13, é descrito o momento em que finalmente aquele povo se encontra livre da perseguição do Faraó que se deu até a travessia do mar vermelho, assim, mais uma vez, podemos notar que essa gente viveu momentos de grande angústia até o momento em que por fim se descobrissem livres da perseguição dos egípcios.

Esse foi um momento em que Israel transcendeu e se conduziu para bem longe da situação de desespero que estava vivenciando. Ainda que fisicamente estivessem diante da ameaça, se mantiveram confiantes de que conseguiriam alcançar a outra margem do mar. De acordo com Tourinho (2009), na transcendência, nossa atenção se desloca do que está fora da nossa experiência cognitiva para o que se revela dentro da própria vivência.

Após vencerem tantos obstáculos e finalmente iniciarem a sua marcha rumo a terra prometida, o povo vive um momento que Kierkegaard chama de estágio estético em que, de acordo com Santos



(2017), “vive-se o momento sem nenhuma reflexão sobre si, sua situação, sobre o seu futuro, o indivíduo não pensa nas responsabilidades de suas ações, o que lhe apraz é a vida dos prazeres e sua intensidade (SANTOS, 2017, p. 103)”. Ou seja, que é quando se entregam aos seus desejos e deixam de lado as ordenanças outrora estabelecidas por Deus.

Kierkegaard nos faz compreender que estádios são como momentos onde o indivíduo não nega o retorno a um modo entre os estádios após ter ido para outro. Assim, ser ético não quer dizer que não se pode retornar a viver ou sentir como um esteta, ou ao chegar ao religioso o indivíduo deixa de ser ético ou ainda estético (SANTOS, 2017, p. 99).

O trecho de Êxodo capítulo 33 e versículo 12 apresenta um momento em que Moisés se sente angustiado quando Deus diz que não irá mais acompanhá-los na caminhada pelo deserto, então, ele se sente sozinho. Os momentos de solidão que Moisés viveu sempre foram períodos de grande crescimento pessoal, uma vez que estava em contato consigo mesmo.

Contudo, nessa ocasião, Moisés entende que fazer à vontade Deus e estar perto d’Ele era o sentido da sua existência e por isso não queria continuar a jornada pelo deserto sozinho. Vale ressaltar que Moisés estava acompanhado por uma multidão de pessoas. Após 40 caminhando em círculos pelo deserto, os israelitas que sobrevieram enfim chegaram à terra prometida, porém Moisés apenas a avistou de longe.

O livro de Deuteronômio capítulo 34 e versículos 1-8 descrevem o fim do grande êxodo do povo de Israel pelo deserto e a chegada na terra prometida. Nesse momento ocorre a transcendência onde Moisés do lado de fora da terra consegue avistar toda a sua beleza.

[...] há um lado positivo na morte, isso se o ser humano assume o seu ser-para-a-morte, isto é, leva em conta que a morte é um fenômeno da própria existência e não do término dela. A morte apenas tem sentido para quem existe e se põe como um dado fundamental da existência mesma. Assumir o ser para a morte, porém, não significa pensar constantemente na morte e sim encarar a morte como um problema que se manifesta na própria existência. Depois de termos morrido não podemos mais sentir a morte. É um fato que a morte é algo que apenas podemos experimentar indiretamente, no outro que morre (WERLE, 2003, p. 110-111).

Para eles, a morte é encarada como não sendo o final, mas como sendo mais uma etapa da vida, ou talvez apenas um novo começo. Como descrito por Heidegger, a morte é o ápice da nossa existência.

A DISCUSSÃO FILOSÓFICA-CRÍTICA ACERCA DOS LIVROS SAGRADOS E SEU USO ENQUANTO ESTRATÉGIA DE ENSINO RELIGIOSO

A partir do exposto anteriormente sobre algumas possíveis discussões que colocam uma narrativa bíblica em acordo com alguns conceitos fenomenológico-existenciais, podemos a partir de



agora pensar como tal ação pode ser compreendida no campo dos componentes curriculares que abordam temáticas relativas a religião.

Inicialmente é importante pensarmos que ao passo que existe um aumento na ampliação de modo quantitativo no que diz respeito ao pluralismo religioso presente no Brasil, podemos perceber que esse movimento acarreta também na intensificação de movimentos que se enquadram em um mercado que tem como objetivo a disputa por adeptos, de modo que a religião se vê em uma situação de coerção e se vale da fundamentação do seu discurso para legitimar-se (SALLES; GENTILINI, 2018).

Sendo assim, pensando a partir de uma questão curricular e da potencialidade da utilização de estudos teóricos envolvendo textos tidos como sagrados, podemos pensar a partir de Cury (2004, p. 183), que acredita que “o ensino religioso é mais do que aparenta ser, isto é, um componente curricular em escolas. Por trás dele se oculta uma dialética entre secularização e laicidade no interior de contextos históricos e culturais precisos.”

Por seguinte, em um outro estudo, Cury (1993 *apud* CURY, 2004), enfatiza que no Brasil o ensino religioso é resguardado legalmente e integra os currículos das escolas da educação básica, mas especificamente das séries do ensino fundamental, de modo que aborde questões concernentes a laicidade, as culturas e as múltiplas manifestações de credos existentes e professadas pelos indivíduos, todavia, essa questão é muito complexa e pode tornar-se muito polêmica.

Pensando a partir da utilização das diversas filosofias abordadas nos currículos, a exemplo dos conteúdos propriamente ditos do componente curricular de filosofia, é possível pensar uma prática de ensino religioso que promova uma discussão não proselitista e que se oponha a laicidade do país, mas sim a um ensino que promova uma discussão ampla e aberta para possibilidades de reflexões acerca dos livros sagrados ou também dos dogmas e crenças tidos como sagrados.

Aqui neste estudo propomos a reflexão acerca da possibilidade da utilização de uma narrativa contida na Bíblia para exemplificar conceitos estabelecidos pelas filosofias fenomenológicas e existenciais, que geralmente são abordadas na disciplina de filosofia. Sendo assim, propomos a possibilidade de um diálogo multidisciplinar a fim de se alcançar uma discussão que não seja meramente expositiva ou que cumha tendencioso fazendo uso de juízo de valor.

Como afirmam Souza e Oliveira (2018, p.1509), “a Base Nacional Comum Curricular de 2017 estabelece o ensino religioso como disciplina de oferta obrigatória e matrícula facultativa pautada na interculturalidade e na ética da alteridade, visando a compreensão das múltiplas crenças e o respeito a elas.”

Corroborando com o afirmado anteriormente, Rodrigues (2003), acredita que é possível que o quadro marcado pelo proselitismo historicamente conferido ao ensino religioso seja transformado



através do comprometimento e o compromisso para com o rigor teórico e metodológico que devem permear essas práticas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Através destes recortes realizados cronologicamente é possível notar que uma nação que foi cativa e libertada pôde vivenciar diversos momentos que os caracterizam enquanto humanos lançados ao mundo para construir a própria essência, assim como Heidegger diz que a existência precede a essência. Esse povo construiu a sua essência através de inúmeros empecilhos e triunfos alcançados através do seu contato direto com o seu mundo interior, exterior e as crenças presentes em sua cultura.

Sendo assim, podemos pensar que as discussões teóricas realizadas a partir da fundamentação de documentos sagrados serve como ferramenta para que os estudantes e professores consigam proporcionar uma aprendizagem crítica e que respeite as diversidades presentes em nossa cultura brasileira. Vale salientar que, o Brasil é um país laico e rico em diversidade, desse modo, a intolerância e a imparcialidade no ensino religioso podem ainda prevalecer, todavia, através de estratégias de ensino galgadas em uma fundamentação teórico-metodológica crítica poderá proporcionar um aprendizado crítico e reflexivo acerca do que for abordado nos componentes curriculares que porventura abordem temáticas concernentes à religiosidade e culturas.

REFERENCIAS

ALMEIDA, J. F. **Bíblia de Estudo de Genebra**. São Paulo: Editora Cultura Cristã, 1999.

CURY, C. R. J. "Ensino religioso na escola pública: o retorno de uma polêmica recorrente". **Revista Brasileira de Educação**, n.27, dezembro, 2004.

RODRIGUES, E. "Questões epistemológicas do ensino religioso: uma proposta a partir da Ciência da Religião". **Interações**, vol. 8, n. 14, dezembro, 2013.

SANTOS, R. G. dos. "Reflexão sobre os estádios existenciais em Søren Kierkegaard". **Revista Guairacá de Filosofia**, vol. 33, n. 1, 2017.

SALLES, W; GENTILINI, M. A. "Desafios do ensino religioso em um mundo secular". **Cadernos de Pesquisa**, v. 48, n. 169, setembro, 2018.

SOUZA, M. E. de; OLIVEIRA, G. L. de. "Religião, educação e futuro: práticas escolares desafiadas pelo pluralismo, laicidade e intolerância". **Sacrilegens**, vol. 15, n. 2, 2018.

SILVA, A. M. V. B. da. "A concepção de liberdade em Sartre". **Filogênese**, vol. 6, n. 1, Marília, 2013.



TOURINHO, C. D. C. “A consciência e o mundo: o projeto da Fenomenologia Transcendental de Edmund Husserl”. **Revista da Abordagem Gestáltica**, vol. 15, n. 2, 2009.

WERLE, M. A. “A angústia, o nada e a morte em Heidegger”. **Trans/Form/Ação**, vol. 26, n. 1, 2003.



BOLETIM DE CONJUNTURA (BOCA)

Ano II | Volume 3 | Nº 7 | Boa Vista | 2020

<http://www.ioles.com.br/boca>

Editor chefe:

Elói Martins Senhoras

Conselho Editorial

Antonio Ozai da Silva, Universidade Estadual de Maringá

Vitor Stuart Gabriel de Pieri, Universidade do Estado do Rio de Janeiro

Charles Pennaforte, Universidade Federal de Pelotas

Elói Martins Senhoras, Universidade Federal de Roraima

Julio Burdman, Universidad de Buenos Aires, Argentina

Patrícia Nasser de Carvalho, Universidade Federal de Minas Gerais

Conselho Científico

Claudete de Castro Silva Vitte, Universidade Estadual de Campinas

Fabiano de Araújo Moreira, Universidade de São Paulo

Flávia Carolina de Resende Fagundes, Universidade Feevale

Hudson do Vale de Oliveira, Instituto Federal de Roraima

Laodicéia Amorim Weersma, Universidade de Fortaleza

Marcos Antônio Fávaro Martins, Universidade Paulista

Marcos Leandro Mondardo, Universidade Federal da Grande Dourados

Reinaldo Miranda de Sá Teles, Universidade de São Paulo

Rozane Pereira Ignácio, Universidade Estadual de Roraima